

TENSÃO NO ORIENTE MÉDIO /

Atribuído a Israel, assassinato de líder político do Hamas, em Teerã, aumenta o temor de um conflito ampliado na região. Netanyahu alerta população para "dias desafiadores". Segundo o *New York Times*, aiatolá do Irã ordena ataque ao país

Fotos: AFP



Da esquerda para a direita, manifestações pró-Palestina na Tunísia, no Paquistão, no Marrocos e na Turquia após a notícia do bombardeio: onda de protestos varreu toda a região

Promessas de vingança

A beligerante situação no Oriente Médio se agravou, ontem, após a morte do líder político do movimento palestino Hamas, Ismail Haniyeh, durante um ataque aéreo em Teerã. A ofensiva foi atribuída a Israel tanto pelo Irã quanto pelo grupo islamista, que prometeram vingança, e aumentou o temor de que a guerra na Faixa de Gaza, iniciada há quase 10 meses, espalhe-se por todo o Oriente Médio. Vários países condenaram a ação, inclusive, o Brasil, preocupados com suas possíveis consequências.

Israel se recusou a comentar o ataque, ocorrido depois de o Exército israelense bombardear um subúrbio da capital do Líbano, na terça-feira, e matar Fuad Shukur, comandante militar do Hezbollah. Em um pronunciamento à nação, o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu enfatizou que o país desferiu 'golpes esmagadores' aos inimigos, falando explicitamente sobre a morte de Shukur, mas sem citar Haniyeh.

"Cidadãos de Israel, dias desafiadores estão à frente. Há ameaças vindo de todos os lados. Nós estamos preparados para qualquer cenário e ficaremos unidos e determinados ante qualquer ameaça. Israel vai cobrar um preço alto por qualquer agressão contra nós", declarou, acrescentando: "Qualquer um que mate nossas crianças, qualquer um que assassine nossos cidadãos, qualquer um que faça mal a nosso país... Sua cabeça tem um preço."

"Duro castigo"

O guia supremo iraniano, aiatolá Ali Khamenei, prometeu um "duro castigo" a Israel e afirmou que Teerã considera que é seu "dever buscar vingança". Segundo informações divulgadas pelo jornal norte-americano *The New York Times*, Khamenei ordenou, ontem mesmo, um ataque ao território israelense.

O chefe do gabinete político do Hamas, de 61 anos, vivia no exílio entre Turquia e Catar. Ele estava em Teerã para prestigiar a posse do novo presidente iraniano, Masoud Pezeshkian. Durante a cerimônia, foi saudado com entusiasmo por políticos dos países da região. Em um comunicado, Pezeshkian advertiu que "os sionistas verão em breve as consequências do seu ato terrorista e covarde". As políticas de Israel "chegaram a um beco sem saída", acrescentou.

AFP



Pessoas exibem bandeiras palestinas e o retrato de Ismail Haniyeh durante marcha na capital iraniana: luto de três dias

Personagem da notícia

Dirigente pragmático

Aos 61 anos, Ismail Haniyeh era conhecido por sua liderança pragmática à frente do Hamas, mesmo vivendo autoexílio entre o Catar e a Turquia. Decidiu viajar para Teerã, onde acabou morto, para prestigiar a cerimônia de posse do novo presidente iraniano, Masud Pezeshkian. Eleito primeiro-ministro da Autoridade

Nacional Palestina, em 2006, defendia conciliar a luta armada e o combate político, mediado pelos vários movimentos palestinos.

Após nove meses de guerra, Haniyeh insistia em afirmar que o Hamas não libertaria os reféns, sequestrados em 7 de outubro, sem a suspensão definitiva dos conflitos. Para o líder, os confrontos com Israel causaram perdas pessoais significativas, como um bombardeio, que atingiu a casa de sua família, matando dez pessoas, entre elas uma irmã, três dos seus 13 filhos e quatro netos. Na ocasião, ele disse que 60 parentes foram mortos nos conflitos.

Haniyeh nasceu em um campo

de refugiados de Al Shati em Gaza, depois que a família de palestinos se viu obrigada a deixar Ashkelon, a 21km da Cidade de Gaza. Ele estudou literatura árabe, na Universidade Islâmica de Gaza. Ali começou o ativismo na ala estudantil da Irmandade Muçulmana na Universidade Islâmica de Gaza, origem do Hamas, e integrou o sindicato de estudantes entre 1983 e 1984.

Em 1987, Haniyeh participou da criação do movimento terrorista Hamas, fundado após a explosão da primeira Intifada, que prosseguiu até 1993. Durante esse período, ele foi detido diversas vezes por Israel e expulso, por seis meses, para o

sul do Líbano. Em 2003, o líder e o fundador e líder espiritual do Hamas, Sheikh Ahmad Yassin, sobreviveram a uma tentativa de assassinato. Ambos escaparam de uma casa bombardeada por aviões israelenses. Yassin foi assassinado um ano depois.

Oficialmente, Haniyeh assumiu o comando do Hamas em 2017, mas era o líder do braço político do Hamas desde 2006. Ele prometia trabalhar pela criação de um Estado Palestino "na Cisjordânia e na Faixa de Gaza, com Jerusalém como capital", posição então contrária ao discurso oficial do Hamas, que não reconhecia estas fronteiras.

os sionistas verão em breve as consequências do seu ato terrorista e covarde"

Masoud Pezeshkian, presidente iraniano

Nós estamos preparados para qualquer cenário e ficaremos unidos e determinados ante qualquer ameaça"

Benjamin Netanyahu, premiê israelense

Protestos

Em vários países da região, manifestações se multiplicaram. Centenas de pessoas protestaram contra a morte do líder islamista em Teerã, Amã, Rabat, Tunes, Istambul e nos campos de refugiados palestinos no Líbano.

Presidente da Autoridade Palestina e rival político do Hamas, Mahmud Abbas também criticou o assassinato. Ele pediu aos palestinos que permaneçam "unidos, mantenham a paciência e sigam firmes contra a ocupação israelense".

O Ministério Relações Exteriores do Catar, que abriga a liderança política do grupo palestino e é um país-chave nas negociações para um cessar-fogo entre Israel e Hamas, advertiu que o ataque "pode mergulhar a região no caos e minar as possibilidades de paz".

A guerra em Gaza eclodiu em 7 de outubro de 2023, depois que terroristas do Hamas mataram 1.197 pessoas no sul de Israel, em sua maioria civis, e sequestraram 251 pessoas — estima-se que 111 pessoas continuam no cativeiro em Gaza. Em resposta, o governo de Netanyahu lançou uma campanha militar que matou pelo menos 39.445 pessoas no enclave palestino, segundo o Hamas.

Marzuk, integrante do gabinete político do grupo islamista.

"Escalada perigosa"

As reações à morte de Haniyeh foram imediatas. O secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres, alertou que os bombardeios em Beirute e em Teerã constituem uma "escalada

perigosa em um momento em que todos os esforços deveriam levar a um cessar-fogo em Gaza". Muitos países, incluindo Turquia, China, Rússia, Catar e Brasil, condenaram a ação e alertaram para o risco de agravamento e propagação do conflito.

Em um comunicado, o Itamaraty repudiou "o flagrante desrespeito à soberania e à integridade territorial do Irã", considerando

que os fatos "não contribuem para a busca por estabilidade e paz duradouras no Oriente Médio".

Principal aliado de Israel, os Estados Unidos também expressaram preocupação, afirmando que os ataques "não ajudam" a reduzir a tensão, embora não prevejam uma conflagração "iminente", segundo o porta-voz de Segurança Nacional da Casa Branca, John Kirby.

Alckmin esteve perto de Haniyeh em cerimônia

Representante do governo brasileiro na posse do novo presidente do Irã, Masoud Pezeshkian, o vice-presidente Geraldo Alckmin sentou-se perto do líder do grupo terrorista palestino Hamas, Ismail Haniyeh, durante a cerimônia. Imagens da Press TV, televisão estatal do regime iraniano, mostram Alckmin a poucas cadeiras de distância de Haniyeh, assassinado horas depois. Apesar da proximidade, eles não se falaram.

Pezeshkian substituiu o "linhadura" Ebrahim Raisi, morto em um acidente de helicóptero em

maio. Haniyeh estava presente na cerimônia de posse pela relação estreita entre o regime iraniano com o Hamas. Teerã é um dos principais fiadores do grupo terrorista. Representantes de 22 países estiveram na solenidade.

Ontem, Alckmin permaneceu na capital iraniana, onde cumpriu uma extensa agenda de compromissos. Também ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, ele se reuniu com empresários.

Em seguida, foi recebido em audiência pelo presidente recém-empossado. No encontro,

conversaram sobre as relações bilaterais e sobre a entrada do Irã no Brics, no início do ano. Originalmente formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, o bloco foi ampliado em janeiro, recebendo, além do Irã, Egito, Etiópia, Emirados Árabes Unidos e Arábia Saudita.

À noite, o vice-presidente brasileiro partiu para Doha, no Catar. Alckmin foi escalado por Lula para a viagem após a primeira-dama Rosângela da Silva, a Jajá, ter sido escolhida para representar o país nos Jogos Olímpicos de Paris, na sexta-feira passada.

IRAN PRESS / AFP



Vice-presidente (E) se sentou a três cadeiras do chefe do grupo terrorista na posse de Pezeshkian